

AVE
MARIA



Caçapava — O Sr. Fernando Mistura manda celebrar uma missa para as almas em agradecimento por graças alcançadas. — D. Maria G. Gurgel manda rezar missas: pela alma de Benedicta, pelas almas do purgatório e pela alma do Ir. João Lopes.

São Paulo — A família de Anesio Pompêo do Amaral agradece uma graça que alcançou por intermedio de Guy e de Dom Bosco.

São Joaquim — A Srta. Jesumina Basso manda dizer uma missa pelas almas do purgatório e outra por alma de sua sempre lembrada mãe Catharina. — D. Alba Avezum dá 5\$000 para as Missões. — D. Virgínia Stori manda rezar uma missa por alma de Herminio. — A Srta. Zeny Barbosa Silva manda applicar uma missa em suffragio das almas do purgatório. — D. Leontina Albuquerque Maciel Barros entrega a importancia para a celebração duma missa por alma de Eugénia Albuquerque. — O Sr. Paulo Maciel de Barros e D. Leontina Albuquerque Maciel de Barros agradecem seis graças alcançadas por intermedio do Immaculado Coração de Maria e do Beato Antonio Maria Claret, e envia 12\$000 para a publicação. Agradecem, ainda, outra graça recebida em favor de seu filho Roque Spencer, e conforme voto de sua mãe, envia 2\$000 para a publicação. — O Sr. Ernesto Simões manda celebrar uma missa por alma de sua esposa Joanna e entrega 2\$000 para a Propagação da Fé. — D. Josephina Simões, em cumprimento duma promessa a Santa Therezinha, manda dizer uma missa em seu louvor. — D. Maria Reis entrega 120\$000 para a Propagação da Fé. — D. Anna Rosa Guedes, em satisfação dum voto cuja graça foi alcançada, manda dizer uma missa em suffragio das almas do purgatório e mais outra por alma de sua inesquecível mãe Maria das Dôres Rezende. — D. Thereza Parizotti manda rezar as seguintes missas: uma pela alma de José Parizotti, uma pela alma de Angela Fardin e uma pela alma de Antonio Fardin; dá uma esmola.

Cambucy — D. Elza Guerranta encommenda uma missa em louvor de Frei Fabiano e applicada ás almas do purgatório.

Jacuby — D. Francisca Rezende, em nome de Luiza Paula Cruz, cumpre uma promessa publicando este agradecimento.

Itatiba — D. Francisca Fonseca encommenda uma missa pela alma de Antoninho.

Ribeirão Preto — D. Elvira Rodrigues, uma missa pela alma de sua mãe, lembrança do dia 10, 2.º anniversario do fallecimento.

Pindamonhangaba — D. Luiza Carvalho agradece favores ao Beato Claret e Sagrado Coração de Jesus.

Campinas — DD. Alzira e Auta agradecem favores a São Judas.

Passo Fundo — O Sr. João Dalla pede a publicação de uma graça recebida por sua filha Gema, por intermedio de São Judas e Guido.

Franca — D. Geralda Soares Gobbo agradece uma importante graça.

Londrina — D. Lucilla Christino Cabral agradece uma graça recebida de N. Senhora.

São Carlos — D. Thereza agradece uma graça recebida.

Piracicaba — D. Isaura Andrade agradece varias graças a N. Sra. do Rosario.

Ituverava — D. Rosa Vidal, uma missa em louvor dos Santos de sua devoção, em acção de graças. — O Sr. Paschoal Amendola pede duas missas por alma de seus paes.

Vargem Grande — Sr. João Domingues, uma missa por alma de Antonio.

Jacuby — D. Maria Cecilia Ferreira agradece um favor recebido.

Jaborandy — D. Maria Cecilia Nogueira uma missa pelas almas.

Florianopolis — O Sr. Paschoal Costa agradece favores recebidos.

Bandeirantes — O Sr. José Gonçalino pede varias missas conforme sua intenção.


José Paulino — Por intermedio de D. Lydia, varias pessoas encommendam missas e cumprem promessas: D. Lucia, duas missas. — D. Adelina, uma missa. — D. Tercilla dá uma esmola para os pobres. — D. Thereza, uma missa em louvor de Santo Antonio e por alma de D. Maria Trovão. — O Sr. José Furlan, uma missa por Rosa Furlan e ás almas. — D. Zeferina Faveri, duas missas por Menotti e em louvor de Santo Antonio. — D. Emma Masola, uma missa a Santa Luzia e ás almas. — D. Maria Rosim, uma missa a Santo Antonio. — O Sr. Adolpho, promessa em favor de Albina e Rosa Zago.

Sant'Anna dos Olhos d'Agua — D. Asia Rossi encommenda varias missas em louvor de Santo Antonio e Sagrado Coração de Jesus.

OS SANTOS DA SEMANA

OUTUBRO

- DIA 3 — XXV Domingo depois de Pentecostes. — São Humberto.
- DIA 4 — São Carlos Borromeu. — Santa Modesta. — São Vital.
- DIA 5 — São Zacharias. — São Silvano. — Santa Bertila.
- DIA 6 — São Attico. — São Leonardo. — São Forciano.
- DIA 7 — São Florencio. — São Ernesto. — São Amarantho.
- DIA 8 — São Deodato, Papa. — São Godofredo. — Santa Heresvita.
- DIA 9 — São Theodoro. — São Orestes. — São Ursino.



AVE MARIA

REVISTA SEMANAL

CATHOLICA ILLUSTRADA

ASSIGNATURAS:

Perpetua 150\$000

Anno 10\$000

Numero avulso . . . \$500

(Com approv. ecclesiastica)

RED. E ADMIN.:

Rua Jaguaribe, 699

Phone 5-1304 - Caixa, 615

OFFICINAS: Rua Martim

Francisco, 646-656

ORGAM, NO BRASIL, DA ARCHICONFRARIA DO CORAÇÃO DE MARIA,
REDIGIDO PELOS MISSIONARIOS FILHOS DO MESMO IMM. CORAÇÃO.

(Filiado á Associação dos Jornalistas Catholicos)

A prece fraternal pelos nossos finados

TRIUMPHANTES os Machabeus exultavam da sua victoria sobre Gorgias, governador da Idumea, pelo rei Antiocho, e cantando hymnos de gloria a Jehovah, puzeram em fuga os ultimos combatentes do adversario.

Mas eis que procedendo Judas Machabeu ao enterro dos poucos que das suas forças cahiram no combate, achou escondidos nas vestes alguns despojos das offerendas dos gentios aos seus idolos; e sendo esse botim considerado sacrilego e prohibido pela lei, fizeram preces ao Senhor para que esquecesse e perdoasse esse peccado dos seus leaes soldados, mortos na batalha pela causa da religião.

Exhortou logo os seus combatentes a conservar-se puros e immunes de toda infracção da lei, vendo o que acontecera aos cubiçosos transgressores; mas considerando que haviam morrido pelo culto de Deus, determinou fazer por elles um piedoso suffragio: fez entre os soldados uma collecta, e tendo reunido a somma de doze mil drachmas, enviou esta quantia ao templo de Jerusalem, afim de que por elle se offercessem sacrificios a Deus em suffragio dos mortos.

“Portanto, é santa e salutar a obra

de rogar pelos mortos para que sejam livres dos seus peccados”.

Com esta piedosa consideração termina o seu relato o livro II dos Machabeus, que por isso, pela falsa conveniencia de suas heresias, é rejeitado pelos protestantes, que não admittem o dogma do purgatorio, como se a crença nos dogmas dependesse só do nosso criterio pessoal, sendo certo que a regra de fé só depende da palavra de Deus, ensinada pela Igreja de Christo.

Os protestantes illustrados, porém, admittem pelo menos como **historicos** dignos de acatamento e de credito humano, os livros dos Machabeus; e Buxtorf, o maior orientalista do primeiro seculo da sua pretendida reforma, admitte que era costume, entre os judeus, crêr e offerer sacrificios pelos defuntos, com a esperança do perdão.

O costume dos primeiros christãos é testemunhado por Tertulliano no principio do seculo III de Christo, dizendo: “Fazemos oblações pleos defuntos”, e conforme a certa passagem do Evangelho, suppõe haver um logar onde se expiam os delictos menores até o ultimo ceutil. No seculo IV, S. Cyrillo, Bispo de Jerusalem, refere que

“oramos pelos santos paes fallecidos, crendo que isto será um auxilio para **aquellas almas** pelas quaes se faz a oração”.

Nas inscrições das catacumbas romanas lêmos varias preces pelo refrigerio dos que alli estão enterrados.

Santo Agostinho, nos primeiros annos do seculo V, é quem mais expressamente fala do purgatorio, e as lições do Officio dos Defuntos, actualmente usado na Egreja, foram tomadas do seu livro: “Do cuidado que se ha de ter dos mortos”, além de achar-se diversos trechos sobre o assumpto no seu **Euchiridion**, no livro XXI de **Civitate Dei** e no sermão vigésimo segundo.

A Egreja, nossa Mestra infallivel, definiu posteriormente o dogma da expiação temporal dos peccados no Concilio geral de Florença, e o confirmou solenemente no Concilio de Trento, não podendo, pois, nenhum christão pôr em duvida a existencia do purgatorio e que “as almas nelle detidas são ajudadas com os suffragios dos fiéis, principalmente com o sacrificio do altar, isto é, pela applicação do fructo da Santa Missa.

O proprio Luthero, ante a evidencia dos argumentos theologicos, até o anno 1519, teve como “inteiramente certa e como artigo de fé” a existencia do purgatorio; inconstante e nada inspirado, repelliu depois esse dogma nos annos 1530 e 37, para depois, em 1543, publicar uma oração pelas almas do purgatorio, de sorte que os protestantes não pôdem allegar contra este dogma a autoridade avariada e contradictoria do seu mestre, tão pouco digno de ser acatado.

A Santa Egreja, porém, ensinada pelo Espirito Santo nos seus dogmas e no seu culto, praticou os suffragios pelas almas desde os primeiros tempos, segundo se vê pelas diversas Liturgias da antiguidade christã, e desde o seculo XI instituiu a commemoração de todos os fiéis defuntos, logo após a fesitvidade de Todos os Santos, afim de prestar o seu maternal auxilio ás almas de todos aquelles que nesta vida fôram seus dilectos filhos; e se bem **todos os dias** implora por elles a divina misericordia nos **Mementos** da missa pela boca dos muitos milhares de seus sacerdotes, todavia julgou conveniente, para excitar a piedade e a commiseración de todos os christãos, instituir esta commemoração

para que todos contribuam, assistindo ao santo sacrificio e ás encommendações successivas, ao refrigerio salutar de todas as almas que no logar da expiação precisarem dos nossos fraternaes e piedosos auxilios.

P. Luis Salamero, C. M. F.

“Deus lhe pague!”

O facto passou-se numa pequena cidade da Allemanha.

Pobre viuva, sem lar nem arrimo, percorre as ruas mendigando, supplice, alguma cousa com que saciar a fome. Corações ha generosos, que lhe não negam um obolozinho; outros, porém, insensiveis ás necessidades alheias, indifferentes aos males do proximo, repellem-na grosseiramente. Mas ella não desanima e, heroica, prosegue, pois seus filhinhos não pôdem passar sem o seu amparo e ella soffre vendo-os com fome.

Entra em um açougue muito afreguezado. Vendo tanta carne, roga humildemente ao açougueiro um pedacinho da carne mais ordinaria. O açougueiro, homem sem religião e sem piedade, mofa da pobrezinha.

— Mas, a senhora paga?

— Como lhe posso pagar, si nada tenho? Sou uma pobre viuva, tenho cinco filhos pequenos. Com dinheiro não lhe posso pagar, mas sim com um “Deus lhe pague!”

— Ora essa, com um “Deus lhe pague!”... Seu “Deus lhe pague!” nada vale, pouco pesa na balança.

— Pouco vale? Pouco pesa?

— Pouco não; absolutamente nada!

E o açougueiro, gargalhando com seus freguezes, apresenta á pobrezinha um pedaço de papel e um lapis.

— Escreva, então, seu “Deus lhe pague!” e ponha-o na balança.

A pobre viuva, longé de perturbar-se, toma o lapis e, com unção, traça no papel: “Deus lhe pague!”, collocando-o sobre a balança. Qual não foi, porém, a admiração do açougueiro e dos freguezes ao verem a balança accusar o peso do papelzinho, aquella balança aliás pouco sensivel para peso tão diminuto!

Maior ainda foi o assombro de todos quando o nosso homem foi enchendo o prato destinado á carne até não caber mais. Empilhou, por sobre o prato teimoso, quartos de boi, de porco; emfim, auxiliado pelos seus freguezes maravilhados, esgotou toda a provisão de carne e... nada de o prato onde estava o “Deus lhe pague!” se levantar.

Só então reconheceu o quanto valia o “Deus lhe pague!”

Egotou-se a provisão de carne e si mais houvera e a balança resistiria, não equilibrando o peso daquelle piedoso pagamento, pois o “Deus lhe pague!” do pobre, quando sincero, tem um valor inegalavel.



Lições Evangelicas

XXV Domingo depois de Pentecostes

MUITAS vezes apparece nos Livros Santos do Novo Testamento o lago de Genezareth, ou mar de Galilea. Aquellas aguas intensamente azues, aquellas ribeiras profundamente recortadas, aquelles regatinhos que derivam no socalco das pequenas montanhas que o cercam, aquella profundidade de 132 metros sob o nivel do mar Mediterraneo, aquelles ventos fortemente encanados que agitam as aguas e levantam montanhas liquidas e escancaram abysmos horridos; aquelle trafegar constante de pequenas embarcações a atravessar as 8 leguas de comprido e quatro de largo, e sobretudo os muitos prodigios que nelle se desenrolaram na vida de Jesus, tornam-no em verdade interessante a quem quer que leia attentamente o Evangelho Santo.

Uma longa instrucção proporcionára Jesus aos apóstolos sobre as difficuldades dos seus ministerios; conselhos sapientissimos norteadores da sua conducta para um porvir proximo, consultas innumeradas que lhe dirigiam com a confiança a que o amavel proceder os animava, resolvidas á satisfação dos mais exigentes, esgotaram de cansaço o amavel Redemptor. A doutrina fôra muito clara, mas os Apóstolos eram exigentes: não se deixavam facilmente convencer; era necessario confirmar mais e mais o poder de Jesus com milagres irrefutaveis por meio duma série de prodigios extraordinarios que nenhum poder da terra seria capaz de impedir aos seus enviados o levarem até o fim a sua grandiosa obra evangelizadora da salvação das almas.

Duma feita, numa dessas tardes de calma inquietante, em que o vento, como diz o poeta, parece dormir nas franças do arvoredo, cansado do muito trabalho a que se entregára, Jesus chama os amados discipulos e sóbe á barca, provavelmente a de Pedro, que era sempre a preferida, e vae para a outra banda do mar. Feitas as ultimas despedidas do povo, que o não podia acompanhar como era seu desejo, encaminha-se Jesus para o convez e desamarradas as velas, cahem como azas feridas. O vento sumira; a calma augmenta; o calor apparece talvez prenunciador da tormenta. Pedro vê-se obrigado a bordejar, pensando assim aproveitar as pequenas correntes tão suas conhecidas. O calor é suffocante; as bagas de suor arrebetam de seus póros e em cantarinhas bailam na sua espalmada fronte. Todos vêm os esforços inquietantes de Pedro; ajudam-no como dextros marujos, lançando-se ao manejo dos remos luzidios e bellos, que se enterram suavemente nas aguas, a impul-

soz vigorosos daquelles verdadeiros lobos marinhos. Mas eis que as nuvens pardacentas adensam-se mais, o calor sóbe vertiginosamente e parece que de chofre contemplam aquelles olhos affeitos ao mar, o germe da tempestade, numa ondasinha que ao longe se alevanta. Adivinham todos o tormento trahicoeiro que lhes vae infligir aquelle lago tão insincero e inconstante, e sabem, por triste experiencia, os perigos que encerra uma tempestade naquelle mar.

De repente os ventos desencadeados atiram-se furiosos contra a pequena embarcação e ameaçam sériamente engulir-na naquelle sorvedouro cujo fim não se devisa; entenebrece-se o ar, arrebanha o vento montanhas de nuvens que circundam o lago e parece vae precipital-as todas sobre o fragil esquife de Pedro. O mar, o vento, as nuvens semelham uma amalgama infernal; daquelle conjunto de furias desprende-se um grito que parece o desespero: é o sibilar caracteristico da tempestade, tão conhecido dos pescadores. Se pudessem abicar a alguma restinga e lá, abrigados, passar o forte da tempestade! Mas encontram-se quasi no meio do lago; os ventos, em horrida confusão, assopram dos quatro pontos cardeaes e fazem dançar sobre o abysmo a pequena embarcação; mourejam os esforçados pescadores; a inquietação desenha-se naquelles semblantes desfeitos, onde o medo escreve um poema de males e desgraças. Resta-lhes, porém, um remedio ao qual só em ultimo lance querem appellar. Jesus lá está dormindo na mesma embarcação, e Elle tem operado tantos prodigios nos derradeiros dias! Bem póde ser que tambem agora queira manifestar o seu poder soberano.

Cuidando-se já nas ultimas arrancadas da vida, Pedro, interpretando o sentir de todos, corporificando a ancia de todos, exclama: "Salvae-nos, Senhor, que perecemos!" O resto já nol-o diz o Evangelho. A admiração dos apóstolos, o imperio de Jesus, o milagre de fazer desapparecer aquella horrenda tempestade, os elementos que se acalmam, os peitos que socegam, a maravilha daquelle poder instantaneo a que nada resiste, a impressão profundissima daquelles homens, tudo, tudo é admiravel neste relato evangelico.

Mais tarde, quando sobrevierem novas tempestades, cheios de confiança poderão os Apóstolos exclamar: Somos servos d'Aquella a quem o mar e os ventos obedecem; não tememos as tormentas dos elementos nem as tempestades dos odios.

IV Congresso Eucharístico Nacional

CONCURSO PARA A LETRA DO HYMNO OFFICIAL

Tornando publicas, esta semana, as bases do concurso para a letra do Hymno Official, que é desejo se transforme em Canto Eucharístico Nacional, a Junta Executiva do IV Congresso Eucharístico Nacional, a ser realizado em São Paulo, no anno de 1942, entrou decisivamente no terreno das realizações praticas, imprescindiveis desde já para que nada falte ao absoluto exito do magno certame, destinado por certo a marcar epocha dentre as manifestações congeneres que ha varias decadas se effectuam por todo o mundo.

Foi o espirito de obter a cooperação de todos, em todas as classes, em todas as cidades, que presidiu desde já ao inicio das actividades preparatorias ao IV Congresso Eucharístico Nacional, quando, unidos por um mesmo, unico e acendrado liame de fé, veremos em terras de Piratininga brasileiros de todos os recantos, entusiastas e ardorosos, no afan de nobilitar as convicções religiosas que formaram o povo, a Historia e a tradição nacionais. Dessa fórmula, ao concurso para o Hymno Official pódem e devem concorrer todos os que se julgarem habilitados, constituindo o premio em luminosa consagração que aureolará e tornará conhecido o nome do autor, por mais humilde que seja elle, desde que, numa dessas miraculosas realizações que a inspiração e o entusiasmo não raro facultam, obtenha o veredictum da Commissão Julgadora, a ser constituída com elementos dos mais brilhantes do mundo das letras patricias.

Hoje, reproduzimos na integra as bases para o concurso do Hymno Official do IV Congresso Eucharístico Nacional, frisando o alto espirito de equilibrio e justiça que infallivelmente consagrará a decisão final, por si comprovado pelas clausulas basicas do significativo concurso.

A Junta Executiva do IV Congresso Eucharístico Nacional, a realizar-se na Capital em 1942, abriu concurso para a letra do Hymno do Congresso, acceitando, desde já e sob pseudonymos, trabalhos de poetas de todas as localidades do Brasil para serem apreciados por uma commissão julgadora constituída por eminentes vultos das letras e da poesia entre nós.

Após, será aberto concurso para a musica, a qual se adaptará ao trabalho classificado em primeiro lugar.

São imprescindiveis, aos trabalhos poeticos, as seguintes condições basicas, em tudo o mais ficando livre a inspiração dos concurrentes:

a) — A composição poetica do Hymno, quanto á fórmula, deverá, de preferencia, obedecer á metrica que melhor se presta para o canto coral, do povo em geral: versos de nove syllabas ou decassyllabos.

b) — A rima será rica em todo o Hymno.

c) — De preferencia a obra poetica deverá constar de quatro estrophes, nunca excedendo de cinco, e uma outra que será o estribillo para ser cantado em côro unisono e volumoso.

d) — Terão preferencia na selecção dos trabalhos, que immediatamente serão apreciados pela Commissão Julgadora, aquelles que forem vasados em vernaculo castiço, e em linguagem corrente, omittidas palavras mutiladas, ainda que por fórmulas admittidas, para que melhor seja a sonoridade do verso e do canto popular.

e) — Da inspiração poetica deverá ser ponto central a Eucharistia e o culto Eucharístico, sendo vasada em alta espiritualidade religiosa e em acendrada nota patriotica, della excluidas preocupações de ordem regionalista afim de que, no Hymno, palpite vivo sentimento de brasilidade e possa ser cantado em toda a nossa Patria e em qualquer tempo, e assim possa ser conservado como Canto Eucharístico Nacional em todos os tempos e em todas as solemnidades do culto ao Divino Sacramento.

f) — Os concurrentes enviarão os seus trabalhos ao Secretario Geral da Junta Executiva do IV Congresso Eucharístico Nacional, em sua séde provisoria, na Curia Metropolitana, assignados por pseudonymos e, acompanhando-os, fechado, em envelope branco e indevassavel, o seu nome proprio com o seu endereço, reproduzido o pseudonymo, sob o qual fôra apresentado o Hymno, na face visivel desse envelope.

g) — Todos os apresentados á Junta Executiva, salvo o que tiver sido escolhido, poderão ser reclamados pelos seus autores, juntamente com os envelopes indevassaveis, os quaes lhes serão restituídos intactos, como prova do sigilo respeitado pela Junta e pela Commissão Julgadora.

h) — O concurso será encerrado a 12 de Dezembro de 1940, não sendo acceitos trabalhos enviados posteriormente.

A ociosidade degrada a creatura humana

A ociosidade, que Deus condemna, é para a alma uma sorte de degradação; é a mãe de todos os vicios, diz o proverbio.

Enerva o espirito, tira-lhe o vigor, a penetração, torna o coração incapaz de amor.

Um repouso muito prolongado faz pesados os movimentos corporaes.

A ociosidade conduz para as distracções frivolas, as emoções culpadas; enche a intelligencia de frivolidades.

A jovem ociosa, qualquer que lhe seja a idade ou a condição, encara a vida como distracção ou aborrecimento.

Diz um moralista que existem tantas mulheres, de vinte e cinco a trinta annos, nervosas tardias e tristes, porque a ociosidade lhes destruiu a saude e a belleza.

Ah! estão expostas aos estragos de uma existencia inutil; habituaram-se na indolencia, que destróe as actividades do espirito, inutiliza os affectos do coração, do mesmo modo que a falta de exercicio traz a ferrugem que consome o ferro.

MEU CANTINHO

O MEZ DAS ALMAS

MEZES DE GRAÇAS

Março, Maio, Junho, Outubro e Novembro são mezes de graças e de bençãos do céu, que a piedade christã consagra respectivamente ao culto de S. José, a Maria Santissima, ao Coração Santissimo de Jesus, ao Rosario da Virgem e ao suffragio das almas do purgatorio.

Novembro, mez da saudade, mez da Igreja Padecente, o mez da caridade e do suffragio. No dia dos mortos convida-nos a Liturgia impressionante de Finados á oração pelos nossos entes queridos que a morte arrebatou. Na quarta-feira de cinzas a Igreja nos recordava a miseria e o pó que somos: — Lembra-te que és pó e em pó te has de tornar. Em Finados é a Mãe querida a lembrar-nos o dever da caridade do suffragio pelas almas santas do purgatorio.

O PURGATORIO

Oremos pelas almas do purgatorio. E' um dogma consolador e terrivel o do purgatorio! Consolador porque não obstante nossa miseria e fraqueza, a Infinita Misericordia nos reserva um lugar e um tempo de expiação para nossas fragilidades.

Existe o purgatorio, isto é, um lugar de expiação onde se purificam as almas para a visão beatifica.

Quem é digno de subir á Montanha Santa? *Quis ascendet in montem Domini?* Quanta santidade e pureza de vida exige o Senhor dos que ha de admittir á sua presença, á presença d'Aquelle Deus tres vezes Santo, ante o qual os seraphins cobrem as faces com suas azas e os céus repetem: *Sanctus, Sanctus, Sanctus* — Santo, Santo é o Senhor dos Exercitos! A pobre creatura humana tão miseravel, nem sempre, ao deixar a terra, é bastante pura e santa, e merece a presença do Senhor, a visão beatifica. E tambem como ha de ser condemnada ás chammas eternas a alma que, embora não tivesse pago a divida dos seus enormes peccados na penitencia desta vida, não é todavia merecedora do castigo eterno? Ha de entrar no céu? Não. Lá só entram os Santos e os puros de coração. E que pureza angelica requer a Divina Justiça para o céu! Ha de ser condemnada ao inferno? Oh! não. A misericordia Divina jamais o permitiria. Faltas veniaes, imperfeições, falta de penitencia dos peccados graves, tudo isto, é bem verdade, exige castigo, e sem a penitencia não se ha de entrar no céu. Porém, a Justiça e a Misericordia Divina se uniram — *Justitia et pax osculatæ sunt*. — E inventaram uma obra prima desta mesma Justiça e desta misericordia infinitas do Senhor.

O peccado será castigado, a divida exigida pela Justiça será paga até o ultimo ceutil, mas a Infinita Misericordia nos

ha de dar no purgatorio o meio de pagar esta divida enorme e salvar nossa alma.

Existe o purgatorio. Negar este dogma de nossa fé é não ser christão. Trabalhe-mos pela nossa eterna salvação com amor e temor.

Apprendamos a viver sempre no caminho da virtude e confiemos na Misericordia Infinita, que nos salva pelas chammas expiadoras do purgatorio.

OREMOS PELAS ALMAS!

Diante desta verdade terrivel e consoladora, que ha de fazer o bom christão? Orar pelas santas almas do purgatorio. E' uma das mais bellas obras de caridade. E' dar de comer aos que têm fome da visão beatifica, dar de beber aos que têm sede da posse de Deus. Si soubessemos como é terrivel o soffrimento das pobres almas!

E talvez, lá naquellas chammas expiatorias, padeçam entes queridos nossos, pedaços de nosso coração!

Temos tanta compaixão dos misera-veis aqui na terra e nos esquecemos dos mais pobres e soffredores — os que soffrem no purgatorio. Que tormentos, que angustias! Tivemos tanto carinho com os nossos entes queridos na ultima doença e agora os deixamos talvez abandonados nas chammas do purgatorio! Oremos pelas almas! Tenhamos compaixão das pobres almas!

SUFFRAGIOS

A Igreja sobre o purgatorio só proclamou duas verdades de fé: — a primeira: existe o purgatorio, um lugar de expiação para as almas; segunda: podemos soccorrer, com nossos suffragios e principalmente com a Santa Missa, diz o Concilio de Trento, ás almas do purgatorio.

A Santa Missa é, portanto, o principal e mais efficaç dos suffragios. E' offerecida ao Senhor cada dia pelos vivos e os mortos. E'a nossa riqueza na vida, é nosso thesouro depois da morte.

Perguntaram ao Bemaventurado João d'Avila o que mais desejaria depois da morte: — *Missas! Missas! Missas!* respondeu elle.

Santa Monica, á hora da morte, não se preocupa com seu corpo e pompas funebres. Pede ao filho Santo Agostinho: — *Meu filho, não te esqueças de mim quando celebrares os Santos Mystérios. Esta graça eu te supplico acima de todas as outras.*

Não nos esqueçamos de suffragar com a Santa Missa as almas queridas dos que nos pertencem pelo sangue e a gratidão.

E' nosso interesse tambem rezar pelas almas do purgatorio.

Si soubessemos, dizia o Santo Cura D'Ars, *si soubessemos quantas graças podemos alcançar pelas almas do purgatorio, ellas não seriam tão esquecidas!*

P. ASCANIO BRANDÃO



O SALUTARIS

ANGELO MINGOTE

Andante *p*

o sa - lu -

p *legato*

ta - ris Ho - sti - a, — Quo - cae - li pan - dis ó - sti -

um, Bel - la pre - munt ho - sti - li - a, da

f *p*

ro - bur, fer au - xí - li - um. o sa - lu -

ta - ris Ho - sti - a Our cae - li pan - dis ó - sti -

um, ——— . Bel - la pre - mont ho - sti - li - a,

da ro - bur, fer au - xí - li - um. ——— Da

ro - bur, fer au - xí - li - um. ———

Importante !

Acaba de sahir do prélo a magnifica collectanea de musicas sacras em louvor de Nossa Senhora

“Melodias Marianas”

ADQUIRA-A JA. — Volume grande (canto e acompanhamento) 20\$000
 Volume pequeno (parte do canto) 7\$000

GIBRALTAR

HISTORICO

Trad. do Ital.

A verdadeira historia de Gibraltar tem inicio a 30 de Abril de 711, quando o "leader" arabe Tarik-ben-Ziad ali desembarcou proveniente da costa africana, para iniciar a conquista da Peninsula Iberica. A localidade tomou o nome de Gebel-al-Tarik (Monte de Tarik), que, corrompendo-se com o tempo, tornou-se o actual Gibraltar.

A importancia geographica e estrategica da posição, justamente considerada a chave da Hespanha, dá motivo á sua historia atormentada.

Os arabes a seguraram até ao principio do seculo XIV, apesar dos esforços feitos pelos christãos para reconquistal-a. Já em 1309 foi retomada por Alonso Pérez de Gusmán, mas breve foi o dominio catholico. Em 1330 foi arrebataada de novo por Abú Malik, filho do soberano de Marrocos, e em 1410 por Yúsuf III, rei de Granada. Sómente em 1433, por obra do Marquez de Medina Sidonia, Gibraltar passou em poder definitivo dos catholicos. Assaltada e saqueada pelos barbaros em 1540, veio depois a ser munida fortemente por Carlos V, mas não tanto que a 25 de Agosto de 1607 a frota hollandeza, commandada pelo Almirante Van der Hof, pudesse forçar a entrada de sua bahia e destruir a esquadra hespanhola que ali se achava ancorada.

O proprio Commandante desta, Dom Juan Alvarez Davila, perdeu a vida na infausta jornada.

Outro encontro violentissimo entre hollandezes e hespanhóes naquellas aguas se deu em Agosto de 1621, mas desta vez os hollandezes foram derrotados.

A CONQUISTA BRITANNICA

A massiça estructura do promontorio e a sua ubiquação na passagem obrigatoria entre o Mediterraneo e o Atlantico se impuzeram, tambem, á consideração dos antigos, mas foi Oliver Cromwell a ter, por primeiro, uma idéia clara e antevidente da importancia estrategica de posição.

Era preciso que Richelieu mandasse construir o porto militar de Toulon, para que a Grã Bretanha, preocupada da influencia Mediterranea da França, pensasse em assegurar-se, com a posse de Gibraltar, o dominio do Estreito homonimo e do Mediterraneo occidental. Foi justamente então que Cromwell encarregou o Almirante Blake de elaborar um plano para a conquista do promontorio. Mas depois, tendo Catharina de Bragança trazido Tanger em dote a Carlos II, a attenção dos estrategistas britannicos se deslucou de Gibraltar ao outro porto sobre o Atlantico. Tentou-se, de facto, transformar Tanger em uma base naval bem fortificada, mas as difficul-

dades e as despesas encontradas foram tantas, que depois de 22 annos da occupação a idéia foi abandonada.

O problema de Gibraltar voltou, então, em primeiro plano, e a guerra para a successão da Hespanha offereceu á Grã Bretanha uma occasião quanto mais propicia para resolver-o.

Em 1704 o Almirante George Rooke, Commandante das naves britannicas ao serviço do Archiduque Carlos da Austria, tendo tentado em vão a conquista de Barcelona, quiz refazer-se da derrota soffrida com o tentar a empreza de Gibraltar. Sem preoccupar-se em dar communicação ao seu Governo, em cuja approvação havia motivo para duvidar, Rooke convocou, a 17 de Julho de 1704, um Conselho de Guerra, que approvou o seu plano.

A 21 de Julho, de facto, sem Londres saber, elle desembarcou as suas tropas, entre as quaes estavam soldados do Hannover, sobre o isthmo plano ao norte do promontorio. A 23, enquanto os navios britannicos bombardeavam a posição do mar, iniciou o ataque por terra: na mesma noite a guarnição se entregou e os inglezes se apoderaram da formidavel posição, tendo tido não mais de trezentos homens fóra de combate.

Uma tentativa de cerco, effectuada pelos hespanhóes e os francezes de Setembro de 1704 a Abril de 1705, não surtiu effeito algum, em vista dos britannicos terem já provido em munir a posição e organizado os reforços e fornecimentos. Com a paz de Utrecht (1713), Gibraltar era definitivamente cedido á Inglaterra. A guerra pela independencia dos Estados Unidos da America fez reaccender, entre hespanhóes e inglezes, a lucta pelo fatal promontorio. Aproveitando dos sérios embarços em que tal guerra tinha posto a Inglaterra, a Hespanha iniciou, em 1779, o bloqueio maritimo e terrestre da fortaleza, composto de 7.000 entre soldados e marinheiros, sob o commando de um homem de grande valor, o escossez de 65 annos de idade, Lord Augusto Heathfield. Depois de dois annos de heroica resistencia, em Fevereiro de 1780, a guarnição via-se reduzida a máu partido, quando uma esquadra, ao commando do Almirante G. B. Rodney, conseguiu forçar o bloqueio maritimo e introduzir fornecimentos na fortaleza. O bloqueio foi, porém, restabelecido tambem na parte do mar, após a reconquista hespanhola de Minorca e uma nova alliança franco-hespanhola.

Para tornar completo e definitivo o successo britannico, interveiu a esquadra do Almirante Howe, que, manobrando astutamente contra a mais poderosa frota franco-hespanhola commandada pelo Almirante Cordoba, conseguiu fazer entrar na bahia de Gibraltar um comboio de viveres e de munições que tinha escoltado.

O facto é que a 6 de Fevereiro de 1783, depois de quatro annos de cerco (era o decimo quarto que a fortaleza sustentava!) foi firmada a paz, na qual Gibraltar vinha reconfirmada á Grã Bretanha.

H. F.

O comunismo em Hollywood

Mais uma vez a Méca do Cinema se acha em fóco! E desta vez prestando contas á policia...

Os jornaes já têm fallado sobre as actividades communistas de alguns artistas, quasi todos em evidente decadencia, fazendo chamar sobre elles a attenção dos jornalistas.

A questão volta novamente ao noticiario, trazendo desta vez o resultado das syndicanCIAS de Mr. Martim Dies, presidente de uma commissão designada pelo Congresso Norte-Americano e encarregado de estudar as actividades subversivas dos Estados Unidos.

A referida commissão acaba de apresentar o relatorio da parte referente ao Oeste Americano, principalmente dos Estados de Texas e California. Entre os adeptos do comunismo figuram artistas, directores e muitas outras pessoas ligadas aos meios cinematographicos.

Um certo John L. Leech, de Portland (Est. do Pregon), ex-agitador comunista na costa do Pacifico, fez revelações sensacionaes sobre as actividades communistas em Hollywood.

Conforme suas declarações, Hollywood é um centro de intenso recrutamento de adeptos e muito generoso em subscrições para subvencionar a propaganda vermelha.

Leech entregou á Commissão de SyndicanCIA uma lista de quarenta e duas pessoas, na maioria influentes nos meios cinematographicos, todas ellas subscriptoras do partido, sendo mais da metade membros activos do partido.

E, segundo o ex-agitador, o progresso do comunismo naquelles Estados seria devido ao facto de os chefes vermelhos se apresentarem como victimas de campanhas anti-semitas e do nazismo.

Contou ainda que um grupo de estrellas depunham, mensalmente, de \$1.200 a \$1.500

na caixa do partido. E que uma subscrição realizada em Los Angeles rendeu \$17.000, sendo que a maior parte desta quantia foi recolhida em Hollywood.

Tambem um director de cinema pôz a sua casa, que é um verdadeiro palacio, á disposiçãO do partido, para suas reuniões politicas.

O comité Dies publicou uma lista dos nomes denunciados por Leech, e a maioria destes nomes revelam a origem semitica de seus possuidores.

O relatorio evidenciou a tendencia que tem o cinema para se tornar um agente de propagação do comunismo. E sendo o cinema uma escola do povo — mais poderosa que o livro e o theatro, mais caros e menos diffundidos — hoje, mais que nunca, torna avassalador o seu poder, e a sociedade se mostra cada vez mais insegura e impotente para resistir aos seus maleficios.

E é inegavel que os astros, assim orientados, repetem na tela o papel que o inglez Bertrand Russel — propagandista do adultério e do amor livre — fazia na sua cathedra do New-York City College...

Bom humor

— Papai, por que é que o cabelo da sua cabeça ficou mais branco do que a barba?

— E' que o cabelo tem vinte annos mais que a barba...

★

O neto: — Vóvó, acorde, vóvó! Está na hora de tomar o remedio que o medico receitou para a senhora dormir.

★

— "Seu" doutor, o doente morreu!

— Como?!

— No rotulo da garrafa do remedio dizia que sacudisse antes de tomar...

— E então?

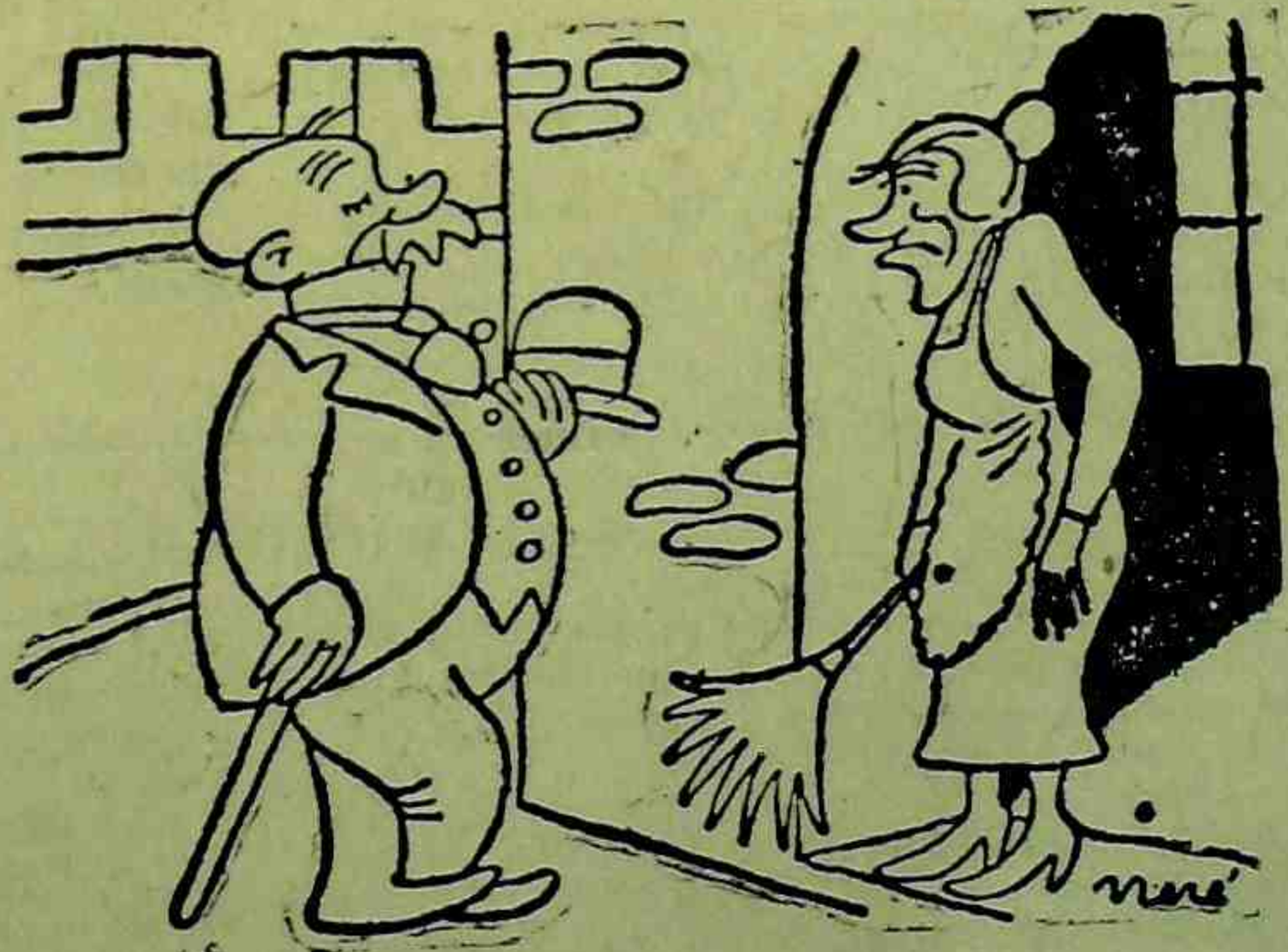
— Eu sacudi o homem e elle não resistiu. Morreu nos meus braços.

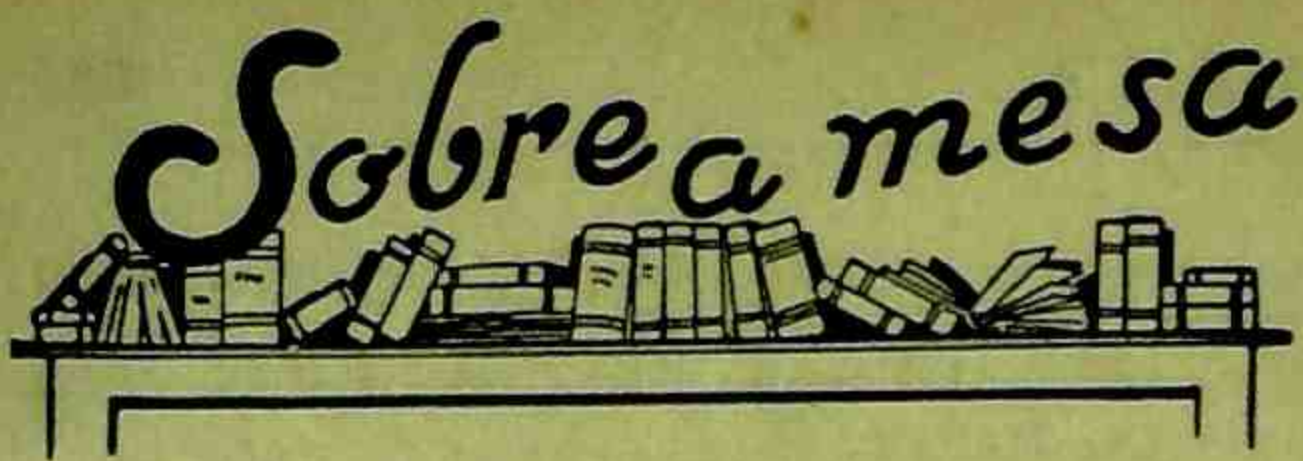
★
— Aqui mesmo que móra o Sr. Pinto?

— Não, Sr. Aqui móra o Sr. Gallo.

— Deve ser elle mesmo, pois faz tantos annos que o não vejo...

★





Quinta columna em letra de fôrma

(COPYRIGHT da "Cruzada da Bôa Imprensa").

"HISTORIAS DE NOSSA HISTORIA", de Viriato Corrêa. — Editora Getulio Costa. Rio. 1940.

Num momento em que a literatura de acção volta a ser um successo, nada mais certo do que o editor Getulio Costa, em bella reedição, lançar no mundo dos livros a interessante obra de Viriato Corrêa: "Historias de nossa Historia". São 200 paginas fortemente movimentadas. Figuras e factos são narrados com simplicidade e encanto, tudo muito bem alicerçado em vasta historica. Não é o Sr. Viriato Corrêa, á moda de muitos biographos, um mutilador do passado. Tudo nelle é honesto e documentado. Por isso, os seus livros são sempre, acontecimentos marcantes no mundo das letras.

A presente edição, que faz parte da "Estante de Autores Brasileiros", foi magnificamente apresentada pelo editor Getulio Costa, com uma esplendida capa em côres.

"DICCIONARIO CURIOSO E RECREATIVO DA MATHEMATICA", pelo Prof. Mello e Souza. Editora Getulio Costa. Rio. 1940.

Acaba o Sr. Mello e Souza, cathedratico da Universidade do Brasil, de lançar no mundo dos livros mais uma obra de sua autoria. Trata-se do "Diccionario curioso e recreativo da mathematica", trabalho inteiramente original, talvez unico no genero em todo o mundo. Alguem, com bastante finura, já affirmou ser o Sr. Mello e Souza o poeta dos numeros, o romancista das equações e calculos. Nada mais justo. Isso porque o illustre educador sabe colorir, com habilidade e muito tacto, as questões mais complicadas. Nelle tudo é claro e preciso. Mesmo definindo, explicando o mecanismo dos numeros, não consegue o Sr. Mello e Souza esconder a mão que escreve os mais lindos contos orientaes de nossa lingua.

Este "Diccionario curioso e recreativo da mathematica" é trabalho dos mais difficeis. Sómente a finura do autor pode vencer a aridez do assumpto. Entre anedotas e sophismas, paradoxos e pequenas biographias, o leitor vae encontrar definições mais claras e intelligentes sobre as coisas da mathematica.

A parte material da obra foi magnificamente realizada pelo editor Getulio Costa, com uma esplendida capa em côres, contando as letras A e B.

*N*A pouco, numa importante allocução, re-feriu-se Pio XII aos perigos da má imprensa. Parece chapa batida. Mas é eternamente actual, esse brado de alarme.

90 % dos nossos pensamentos não são nossos. São do jornal que lêmos.

São do autor a que nos affeioamos. Já disse alguem que o homem moderno tem o cerebro de papel. Pensa pelas columnas papi- raceas do seu jornal, pelas paginas brancas do seu livro.

Cousa extranha! Em materia de entor- pecentes physicos ha sevêras leis de vigilan- cia e fiscalização, ao passo que os toxicos espirituaes são fabricados, vendidos e ingeri- dos á vontade e por toda a parte.

Germens de indisciplina...

Cellulas de desordens...

Viveiros de anarchismo...

Toda a revolução, antes de gritar nas ruas, foi incubada no silencio de algum cerebro. O sangue das massas allucinadas de hoje foi massa encephalica dum escriptor de hontem.

A tragedia do envenenamento é apenas o acto final dum longo drama intimo de intori- cação organica.

Quinta columna em letra de fôrma, essa literatura destruidora, malsã.

Penetra com blandiciosa perfidia nos meandros do nosso Eu intellectual e moral, e, quando menos esperamos, somos aggredidos de emboscada por esses amigos papi- raceos den- tro do nosso proprio lar.

E ha quem se revolte contra um serviço de prophylaxia espiritual!

E ha quem clame contra o Index dos livros prohibidos.

Paes, professoras, educadores, cuidado com as quintas columnas de papel, portas a dentro do vosso lar, da vossa escola!

Quem ventos semeia, tempestades co- lherá...

P. HUBERTO ROHDEN

FOI BUSCAR LÁ...

Certo jovem, com ares de pessoa muito culta e entendida, encontrou-se com um homem rustico e simples que se dirigia á igreja.

— Vaes á igreja?

— Vou.

— Que vaes fazer lá?

— Rezar; ora, que pergunta!

— Não poderias rezar em tua casa? Pois

Deus está presente em todos os lugares.

— O senhor, que é entendido, sabe perfeita- mente que as nuvens e o ar contêm agua, não é verdade?

— Exactamente.

— Por que, então, quando está com sede, se dirige ao poço?

O jovem, corrido, continuou seu caminho...



O DR. ADHEMAR DE BARROS fez entrega ao Chefe da Nação do primeiro lingote de chumbo, produzido nas minas do Apiahy. O referido lingote, de typo universal, pesando 50 kilos, traz a seguinte inscripção: "Ao grande Presidente Getulio Vargas, impulsionador da economia nacional, o Estado de S. Paulo offerece o primeiro chumbo arrancado de suas magnificas minas do Apiahy. Pelo Governo, Adhemar de Barros".

ENTRE AS GRANDES RIQUEZAS DA AMAZONIA figura o peixe-boi, que, apesar de ha muitos annos perseguido, ainda existe em apreciavel quantidade nos rios e lagoas dessa região. A sua industrialização visa a obtenção de dois productos principaes: a carne e o couro, extrahidos ainda por processos empiricos.

Da primeira, prepara-se a "mextra", largamente consumida pelas populações dos seringaes e castanhaes, e remetida em menor quantidade para Manáus, onde consegue preços compensadores.

O couro, que rivaliza com o de bufalo, é vendido a 600 réis o kilo, nos lagos, alcançando em Manáus o preço de 5\$000 o kilo.

COMMUNICAÇÃO TRANSMITTIDA AO MINISTRO DA AGRICULTURA informa que technicos americanos, ao percorrerem a Amazonia, em companhia do Sr. Valentim Bouças, Secretario do Conselho Technico de Economia e Finanças, manifestaram seu entusiasmo pela opulenta riqueza dessa vasta região, recolhendo excellente impressão da modelar organização do Instituto Agronomico do Norte, que o Ministerio da Agricultura installa em Belém do Pará.

Esses technicos estudam presentemente o problema da borracha da Amazonia.

A proposito ainda dessa viagem, o Sr. Valentim Bouças acaba de realizar uma conferencia sobre o thema: "O reerguimento da Amazonia como consequencia immediata da crise internacional", conferencia na qual, condemnando o despreso a que até então vem sendo relegada tão importante região, pôz em destaque o valor das cogitações do governo nestes ultimos tempos.

O EMBAIXADOR DE PORTUGAL NO VATICANO e ex-Ministro da Educação, Sr. Carneiro Pacheco, informou ao Ministerio das Relações Exteriores ter entregue ao Santo Padre as cartas credenciaes que o acreditam no seu novo importante posto. No pequeno discurso que proferiu, saudando o Summo Pontifice, o embaixador portuguez declarou que esperava poder unir seus esforços aos do Vaticano no trabalho humanitario que este vem fazendo para a pacificação do mundo e para pôr termo a esta guerra terrível que "envolve algumas poderosas nações, com as quaes Portugal mantem relações amistosas".

SEGUNDO INFORMAÇÕES, o Cardeal Baudrillard foi submettido a estreita vigilancia pelas autoridades allemãs em Paris. Dá-se como razão que, dois dias antes de terem os allemães occupa-

do Paris, o Cardeal escreveu, no livro de minutas da Academia Franceza, de que é membro, uma phrase considerada insultuosa para a Allemanha.

O Cardeal Suhard, Arcebispo de Paris, tambem tem dificuldades com as autoridades allemãs e o Arcebispo de Rheims continúa na prisão, por ordem do alto commando allemão, pois é accusado de oppôr resistencia á propaganda allemã.

O ESTADISTA HESPANHOL LUIZ COMPANYS, vice-Presidente da Generalidad de Catalunha, julgado a 14 do corrente por um Conselho de Guerra em Barcelona, condemnado á morte e executado no dia immediato ás 6 horas e 20 da manhã, depois de ouvir a leitura da sentença na cella em que permanecia após o julgamento, foi autorizado a receber a visita de sua irmã e de um cunhado, unicos membros da familia residentes em Barcelona.

Depois de palestrar algum tempo, o Sr. Companys repousou. Mais tarde, já de noite, pediu a presença do Capellão do presidio. Confessou-se com o Sacerdote que lhe administrou, minutos após, a Communhão. Assistiu ao officio dos mortos e enfrentou o pelotão de fuzilamento com grande coragem.

Durante o julgamento do dia 14 accusou o Sr. Negrin de responsavel pelo prolongamento da guerra civil e pela convocação das massas para a lucta.

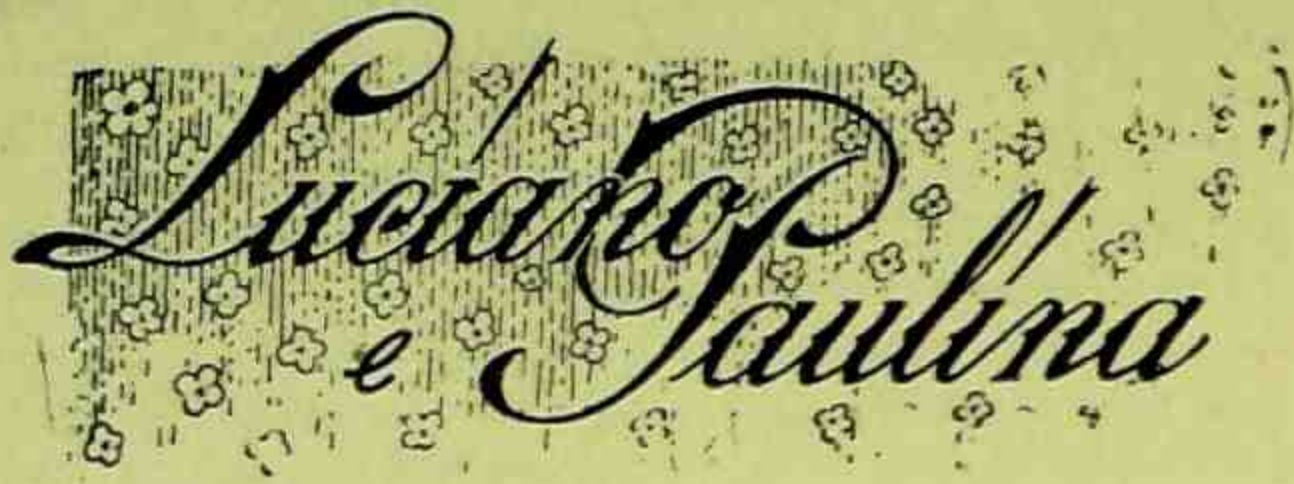
O GRÃOUDUCADO DE LUXEMBURGO, minusculo paiz de 3.000 kilometros quadrados e 300.000 habitantes, cercado pela França, Allemanha e Belgica, adquiriu agora, como em 1914, situação de destaque.

Sete vezes seu territorio esteve sob dominio estrangeiro. De 1443 a 1506 foi annexado ao Grão-ducado de Borgonha, quando passou, até 1684, a pertencer á Hespanha e desse anno a 1795 á Austria. Voltou á soberania hespanhóla ainda em 1795 e em 1814 tornou-se uma dependencia da França. O Congresso de Vienna reconheceu-lhe, no anno seguinte, a independencia, ficando como Grão-duque o rei dos Paizes Baixos. Após a independencia da Belgica, foi regularmente constituido o Grão-ducado com os seus limites actuaes. Em 1867 o Tratado de Londres consagrou definitivamente a independencia de Luxemburgo. Com a morte, em 1890, de Guilherme III, rei da Hollanda, a Casa de Nassau tornou-se a familia reinante, á qual pertence a actual soberana, Grã-duqueza Carlota.

A COLHEITA DE TRIGO EM TODO O CONTINENTE EUROPEU, com excepção da Russia, será menor em 16 % em relação com a do anno passado, tal é a informação dada a conhecer agora pelo Instituto Internacional de Agricultura com sede no Rio de Janeiro.

O Instituto não prevê redução accentuada nas reservas europeias de productos alimenticios, já que outros cereaes têm dado maior rendimento que o trigo e nos paizes do Danubio a colheita do milho é mais abundante que nunca.

Bibliotheca amena da "AVE MARIA" (19)



— Nem sempre as boas acções dão bons resultados. Os filhos costumam herdar as inclinações dos paes. A mãe que é boa e honesta não engeita seus filhos: portanto, a pequenita talvez herde a maldade de sua progenitora, derramando o fél no coração que a acolheu.

— Deus não o permittirá, mamãe; além disso, o meio e a educação influem muito na formação do character. Na sua sombra, e com os seus exemplos, quem poderá ser máu?

— Ah! minha adulatora! disse Margarida, ameigando carinhosamente a filha. Bem: vamos dormir um pouco. Deus te abençõe, meu anjo, e recompense o teu generoso coração.

Paulina foi-se deitar e dormiu logo.

A manhã era bella, radiosa. O sol surgira brilhante em um céu sem nuvens.

Margarida já se havia levantado e ouvindo um profundo gemido no quarto de Paulina, correu a vê-la.

Um raio de sol, entrando pela fresta da janella, brincava travesso nos cabellos sedosos da moça, formando-lhe uma aureola.

— Sentes alguma cousa, minha filha? Parece-me que te ouvi gemer.

— Absolutamente nada, querida mamãe, nunca me senti tão bem disposta.

— Por que gemeste, então?

— Foi em sonhos, mamãe; sente-se aqui pertinho de mim: vou contar-lhe o que sonhei.

Margarida sentou-se ao lado da filha e escutou o seguinte:

— Sonhei que o Menino Jesus entrara aqui no meu quarto, trazendo em suas mãos uma corôa de espinhos. Vestia uma tunica branca, comprida, toda marchetada de estrellinhas refulgentes. Os pézinhos nús. Dos anneis que pendiam tremulantes da cabecinha loura sahia uma grande luz

que allumiava todo o quarto. As chagas das mãos e dos pés despediam grande claridade. A luz que dimanava de todo o seu ser era intensa, mas não feria a vista. Se melhava-se á doce claridade da lua que clareia sem offuscar. Chegando-se a mim, fallou com uma voz que mais parecia uma musica suave, deleitosa: "Filha minha, em recompensa de haveres adoptado com tanto desinteresse aquella pobre creança desvalida, trago-te esta corôa de espinhos". E assim dizendo, beijou-me na fronte, collocando em seguida a corôa na minha cabeça. Comecei a sentir dôres horriveis. Os espinhos de pontas agudissimas, penetravam-me no craneo, o sangue corria-me pelas faces, mas eu tentava sorrir para não desgostar a Jesus que me presenteára e que estava alli presente. Jesus disse ainda: "Filha, é assim que recompenso as almas mais queridas ao meu coração". O seu doce e meigo olhar penetrava-me até o intimo d'alma e dava-me forças para supportar as dôres lancinantes que iam n'um crescendo assustador. Afinal, não pude mais resistir. Dei um profundo gemido e acordei.

Uma sombra de tristeza velou o rosto de Margarida.

— Está triste, mamãe? perguntou a moça.

— Este sonho, minha filha, causou-me certa melancolia.

— Ora, mamãe, os sonhos são quasi sempre a reproducção do que pensamos com algumas modificações. Dormi pensando no Menino Jesus, na creança, no que me disse á noite; foi isto que occasionou o meu sonho.

A alegria é communicativa. Paulina estava tão satisfeita, que d'ahi a pouco Margarida esquecera-se da sua tristeza e dos seus receios.

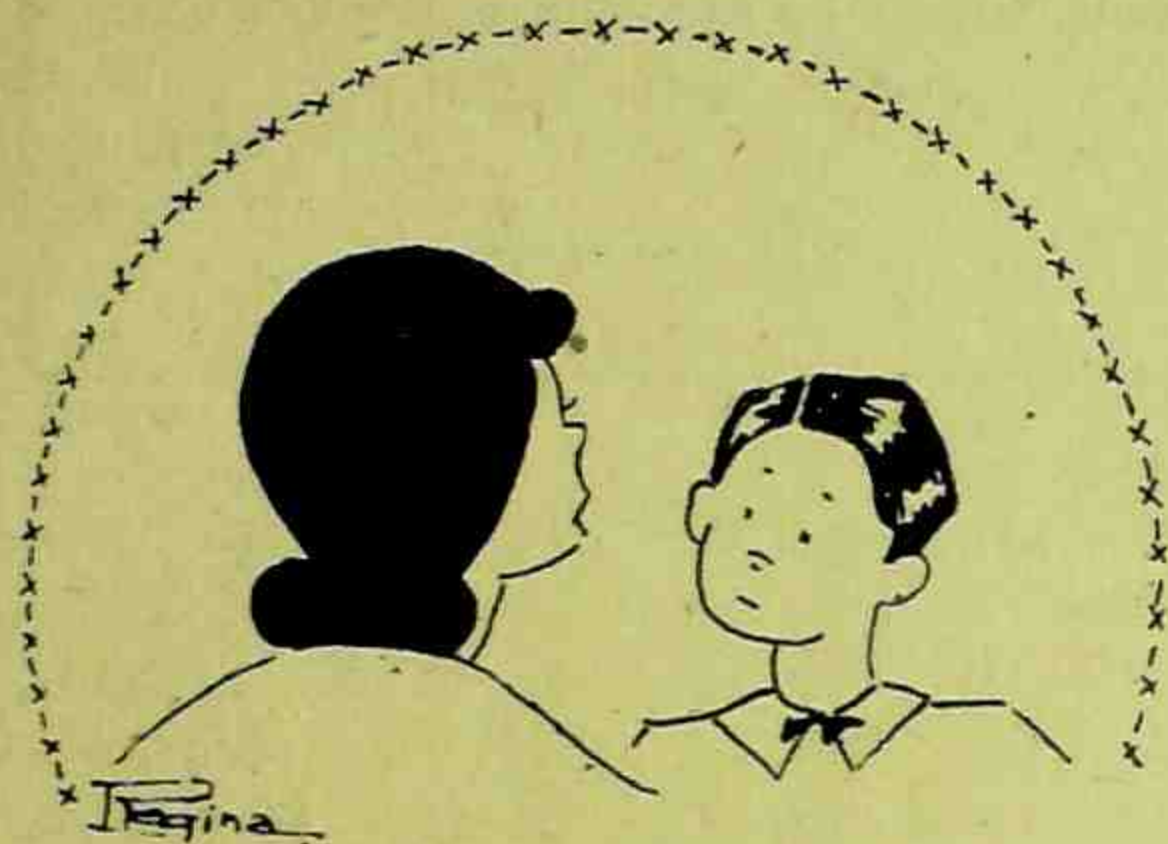
Para que Alexandrina não pesasse a ninguem, combinaram que todas tres velariam por ella.

O baptisado ficou marcado para o dia de Anno Bom e o padrinho seria o Sr. Vigario. Alexandrina teria mais esse protector.

Fausta já havia reatado com o seu noivo as relações que simulára quebrar. Adalberto queria a todo o custo effectuar o casamento, mas a noiva ia adiando sempre.

(Continúa)

É preciso chover



— Oh! mamã, que dia mais aborrecido! Não pára de chover. O jardim está todo alagado e a enxurrada augmentou!

Juquinha dizia isso desolado.

Passára o dia todo fechado em casa, a brincar com seus dados de madeira. Cançara de improvisar pontes e casas de papelão, cançara de colorir as gravuras bonitas do velho almanach...

A chuva não passava. Continuava a cair lá do céu em grossos pingos, molhando os telhados, e as casas, e as ruas...

Que saudade dos bellos dias de sol, quando se podia ir ao quintal, e brincar no trapezio, e correr pelas alamedas floridas do jardim!

Juquinha bocejou mais uma vez, olhando o pesado auto-omnibus que passou borrifando a agua da enxurrada.

— Que chuva cacete e sem graça!... Si dependesse de mim, mamã, nunca mais choveria!... Todos os dias seriam lindos de sol! Nada de chuvas e póças d'agua...

— Não digas tolices, meu filho! A chuva que aborrece tanto você é necessaria e traz alegria a muita gente.

— Alegria?! Oh! mamã, quem poderá se alegrar num dia triste assim?

— Seja sensato, Juquinha. Si não chovesse, que seria das plantas e dos animaes? Deus sabe o que faz, meu filho. Sem a chuva, seccariam os rios e as fontes, morreriam as plantas e os animaes... A terra não produziria mais. Nem fructo nem flôres. Por toda parte se espalharia a miseria, a morte, a desolação...

Juquinha ficou pensativo, depois disse, suspirando:

— Não tinha me lembrado disso, mamã. E' verdade. Deus sabe o que faz e faz tudo bem feito!

— Não devemos ser egoistas, meu filho.

Si a chuva nos aborrece, devemos nos lembrar que ella beneficia uma porção de sêres.

— A senhora tem razão, mamã.

Os grandes olhos claros do menino voltaram a olhar a chuva cair...

E elle viu, mais uma vez, a rua alagada e os pesados outo-omnibus passarem, barulhentos, espirrando a agua lamacenta das enxurradas...

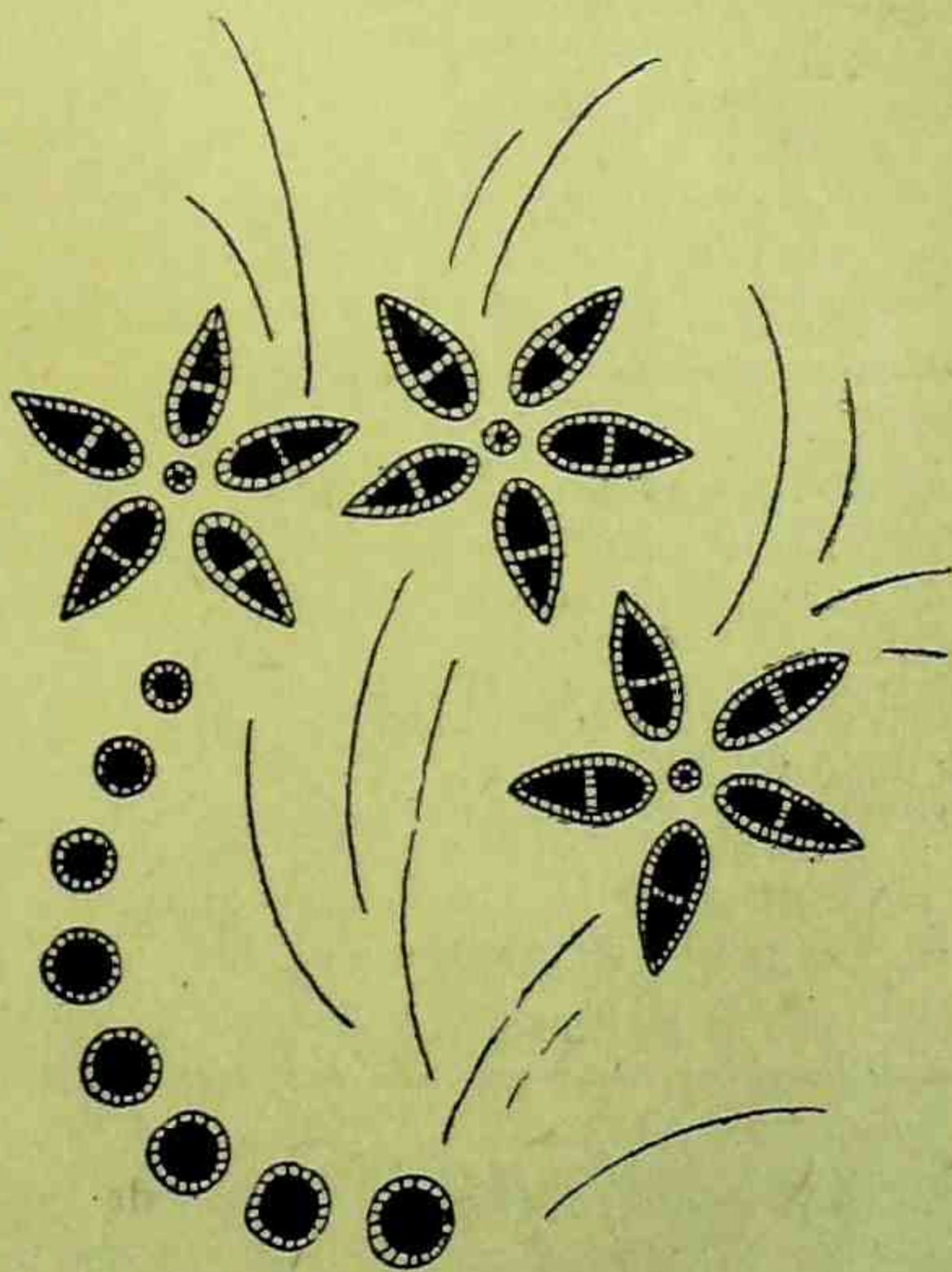
Mas, desta vez elle percebeu que as folhas das arvores estavam mais verdes e mais viçosas...

E pensou, então, nas campinas verdejantes e nos rios de aguas borbulhantes... E se lembrou dos pobres lavradores, que bemdiriam a chuva que cahiu...

E pela primeira vez, naquelle dia triste, Juquinha sorriu...

Regina Melillo de Souza

PARA VOCÊ COLORIR



SOLUÇÃO DA PHRASE ENIGMATICA DO N.º 40

Todas as crianças obedientes agradam ao Menino Jesus.

Catecismo illustrado do lar

Está á venda na Livraria da "AVE MARIA" — Caixa, 615 — São Paulo

O autor é um Santo Arcebispo: o Beato Claret.

Um volume de 340 paginas, artisticamente encadernado, com 60 gravuras, pelo preço de 12\$000. Quem adquirir 2 ou 3 exemplares gozará um bom desconto.

Com este Catecismo os paes e mães pódem se tornar excellentes professores de religião, educando, por si, toda a familia na doutrina de Jesus Christo.

CATHOLICOS: ADQUIRAM ESTA OPTIMA OBRA!

NOVIDADE
MISSIONARIA!

Luzes e Chamas

do erudito PADRE ASTERIO PASCHOAL, C. M. F., é o livro opportuno e de singular actualidade. E' tal o interesse suggestivo das suas paginas, que tomado nas mãos, não se larga mais até terminar a sua leitura.

PREÇO: 5\$000

Pelo correio: 6\$000

Administração da
"AVE MARIA"

Caixa, 615

São Paulo

PRESEPIO

DE TERRA COTA

Fabrica de

PEDRO FORMAGLIO

RUA GUAYAUNA N. 56
(final da Avenida Celso Garcia)

— Peça lista de preços —

S. PAULO

Chapéos Ecclesiasticos

A antiga

Chapelaria "Pinto Villela"

continúa com o seu fabrico especial de chapéos ecclesiasticos, em qualquer typo.

Pedidos para

J. DIAS FERREIRA

RUA ANHANGABAHÚ N.º 199
TEL. 4-2313 — SÃO PAULO

NUNCA ESTÁ *manhoso!*

Com qualquer chocalhozinho esta criança se diverte, e até mesmo sem brinquedo algum! E' que no geral a alegria de uma criança reside na sua saúde. Não ha criança manhosa nem criança triste. Se choraminga, está doente, falta-lhe alguma coisa!

Durante o periodo da dentição, a CAMOMILLINA evita as perturbações na saúde da criança. Corrige os transtornos digestivos comuns à primeira idade, acalma-lhe a super excitação e impede as verminoses.

A CAMOMILLINA dá os melhores resultados no tratamento de colicas, diarréa, gastro-enterite, febre, insensia, etc. Contendo fosfatos e calcóreos, proporciona ao organismo infantil materiais de que necessita para a formação dos ossos, dentes, etc. Dá-se CAMOMILLINA ás crianças desde cerca de quatro mezes de idade



CAMOMILLINA
PARA A DENTIÇÃO DAS CRIANÇAS